

O que é Semiótica. Lúcia Santaella

Enviado por: **CAROLINA BARRETO** | 9 comentários
Arquivado no curso de **Desenho Industrial** na UNEB

[Download](#) [Tweet](#) [Curtir 0](#)


(Parte 5 de 7)

Esclareçamos: o signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade. Por exemplo: a palavra casa, a pintura de uma casa, o desenho de uma casa, a fotografia de uma casa, o esboço de uma casa, um filme de uma casa, a planta baixa de uma casa, a maquete de uma casa, ou mesmo o seu olhar para uma casa, são todos signos do objeto casa. Não são a própria casa, nem a idéia geral que temos de casa. Substituam-na, apenas, cada um deles de um certo modo que depende da natureza do próprio signo. A natureza de uma fotografia não é a mesma de uma planta baixa.

Ora, o signo só pode representar seu objeto para um intérprete, e porque representa seu objeto, produz na mente desse intérprete alguma outra coisa (um signo) ou quase-signo) que também está relacionada ao objeto não diretamente, mas pela mediação do signo.

palavra ou um mero sentimento de alegria, raivauma idéia, ou

Cumprir refer da definição a noção do interpretante. Não se refere ao intérprete do signo, mas a um processo relacional

Ebah usa cookies para assegurar que você tenha a melhor experiência em nosso site.  [Ok!](#)

uma seja lá o que for — porque esse seja lá o que for, que é criado na mente pelo signo, é um outro signo (tradução do primeiro). Mas, para que a definição de signo fique melhor divisada, convém esclarecer que o signo tem dois objetos e três interpretantes. Vejamos, primeiro num gráfico:

O objeto imediato (dentro do signo, no próprio signo) diz respeito ao modo como o objeto dinâmico (aquilo que o signo interpretante dinâmico (intérprete) objeto dinâmico substitui) está representado no signo. Se se trata de um desenho figurativo, o objeto imediato é a aparência do desenho, no modo como ele intenta representar por semelhança a aparência do objeto (uma paisagem, por exemplo). Se se trata de uma palavra, o objeto imediato é a aparência gráfica ou acústica daquela palavra como suporte portador de uma lei geral, pacto coletivo ou convenção social que faz com que essa palavra, que não apresenta nenhuma semelhança real ou imaginária com o objeto, possa, no entanto, representá-lo.

O interpretante imediato consiste naquilo que o signo está apto a produzir numa mente interpretadora qualquer. Não se trata daquilo que o signo efetivamente produz na minha ou na sua mente, mas daquilo que, dependendo de sua natureza, ele pode produzir. Há signos que são interpretáveis na forma de qualidades de sentimento; há outros que são interpretáveis através de experiência concreta ou ação; outros são passíveis de interpretação através de pensamentos numa série infinita.

Daí decorre o interpretante dinâmico, isto é, aquilo que o signo efetivamente produz na sua, na minha mente, em cada mente singular. E isso ele produzirá dependendo da sua natureza de signo e do seu potencial como signo. Por exemplo: há signos que só produzirão sentimentos de qualidade. Ao ouvirmos uma peça de música, se não somos conhecedores dos diferentes códigos de composição musical (o que nos levaria também a outros tipos de interpretação), a audição dessa música não produzirá em nós senão uma série de qualidades de impressão, isto é, sensações auditivas, viscerais e possivelmente correspondências visuais. É claro que podemos traduzir essas sensações numa pseudo-significação ou interpretante puramente emocional: alegria, tristeza, monotonia, mudança... Assim, aquele signo, dada a limitação do nosso repertório, não produzira em nós senão um interpretante dinâmico de primeiro nível. isto é, emocional. (Sobre os modos de se ouvir uma música, veja-se o capítulo Maneiras de Ouvir, do livro O que é Música, pois lá o autor, J. Jota de Moraes, indica essas maneiras em correspondência com as categorias peircianas.)

Vejamos aqui, porém, o segundo nível do interpretante dinâmico. Se você recebe uma ordem de alguém que tem autoridade sobre você, por respeito ou temor, essa ordem produzirá um interpretante dinâmico energético, isto é, uma ação concreta e real de obediência, no caso, como resposta ao signo.

Se o signo for convencional, ou seja, signo de lei, por exemplo, uma palavra ou frase, o interpretante será um pensamento que traduzirá o signo anterior em um outro signo da mesma natureza, e assim ad infinitum. Este outro signo de caráter lógico é o que Peirce chama de interpretante em si. Este consiste não apenas no modo como sua mente reage ao signo, mas no modo como qualquer mente reagiria, dadas certas condições. Assim, a palavra casa produzirá como interpretante em si outros signos da mesma espécie: habitação, moradia, lar, "lar-doce-lar" etc.

Percebendo que o signo não é uma coisa monolítica, mas um complexo de relações, que retenhamos em nossa rotina mental essa sutis diferenciações entre as partes do signo, para que possamos passar para as principais classificações de signos onde essas relações serão retomadas com vistas a uma maior elucidação.

Classificação dos signos

A partir dessa divisão lógica e microscópica das partes que interagem na constituição de todo e qualquer signo, Peirce estabeleceu uma rede de classificações sempre triádicas (isto é, três a três) dos tipos possíveis de signo.

Tomando como base as relações que se apresentam no signo, por exemplo, de acordo com o modo de apreensão do signo em si mesmo, ou de acordo com o modo de apresentação do objeto imediato, ou de acordo com o modo de ser do objeto dinâmico etc, foram estabelecidas 10 tricotomias, isto é, 10 divisões triádicas do signo, de cuja combinatória resultam 64 classes de signos e a possibilidade lógica de 59 049 tipos de signos.

Evidentemente, Peirce não chegou a explorar todos esses tipos. Aliás, em relação a isso ele assim se referiu: "Não assumirei o encargo de levar minha sistemática divisão de signos mais longe, mas deixarei isso para futuros exploradores".

As 10 divisões triádicas foram, no entanto, elaboradas.

Não faz sentido, porém, entrarmos aqui em tal nível de detalhamento. Basta apontarmos para o fato de que um exame mais minucioso dessas classificações pode nos habilitar para a leitura de todo e qualquer processo sógnico, desde a linguagem indeterminada das nuvens que passeiam no céu, ou as marcas multiformes e cambiantes que as ondas do mar vão deixando na areia, até uma fórmula, a mais abstrata, de uma ciência exata.

Dentre todas essas tricotomias, há três, as mais gerais, às quais Peirce dedicou explorações minuciosas. São as que ficaram mais conhecidas e que têm sido mais divulgadas. Tomando-se a relação do signo consigo mesmo (1º), a relação do signo com seu objeto dinâmico (2º) e a relação do signo com seu interpretante (3º), tem-se:

signo 1º em si mesmo signo 2º com seu objeto signo 3º com seu interpretante

1.º quali-signo icone rema

2.º sin-signo índice dicente 3.º legi-signo símbolo argumento

Observe-se, antes de tudo, que a indicação dos numerais (1, 2, 3), na vertical e na horizontal, não funciona aí como simples esclarecimento didático, mas remete diretamente às três categorias. Desse modo, se formos à leitura dos elementos do gráfico, mantendo na memória aqueles caracteres lógicos de 1.º, 2º, 3º, já teremos percorrido metade do caminho para entendimento dos signos que ocupam cada uma dessas casas.

Assim, na relação do signo consigo mesmo, no seu modo de ser, aspecto ou aparência (isto é, a maneira como aparece), o signo pode ser uma mera qualidade, um existente (sin-signo, singular) ou uma lei.

Lembremos: se algo aparece como pura qualidade, este algo é primeiro. É claro que uma qualidade não pode aparecer e, portanto, não pode funcionar como signo sem estar encarnada em algum objeto. Contudo, o quali-signo diz respeito tão-só e apenas à pura qualidade. Por exemplo: uma tela inteira de cinema que, durante alguns instantes, não é senão uma cor vermelha forte e luminosa. Quem assistiu a Gritos e Sussurros, de Bergman, deve se lembrar disso. Era a pura cor, positiva e simples, tão proeminente e absorvente que, no caso, nem sequer se podia lembrar ou perceber que aquela cor estava numa tela. É a qualidade apenas que funciona como signo, e assim o faz porque se dirige para alguém e produzirá na mente desse alguém alguma coisa como um sentimento vago e indivisível. É esse sentimento indiscernível que funcionará como objeto do signo, visto que uma qualidade, na sua pureza de qualidade, não representa nenhum objeto. Ao contrário, ela está aberta e apta para criar um objeto possível.

É por isso que, se o signo aparece como simples qualidade, na sua relação com seu objeto, ele só pode ser um icone. Isso porque qualidades não representam nada. Elas se apresentam. Ora, se não representam, não podem funcionar como signo. Daí que o icone seja sempre um quase-signo: algo que se dá à contemplação.

Uma pintura, chamada abstrata, por exemplo, desconsiderando o fato de que é um quadro que está lá, o que já faria dela um existente singular e não uma pura qualidade, mas considerando-a apenas no seu caráter qualitativo (cores, luminosidade, volumes, textura, formas...) só pode ser um icone. E isto porque esse conjunto de qualidades inseparáveis, que lá se apresenta in totum, não representa, de fato, nenhuma outra coisa. O objeto do icone, portanto, é sempre uma simples possibilidade, isto é, possibilidade do efeito de impressão que ele está apto a produzir ao excitar nosso sentido. Daí que, quanto mais alguma coisa a nós se apresenta na proeminência de seu caráter qualitativo, mais ela tenderá a esgarçar e roçar nossos sentidos.

Por que uma criança é capaz de ficar, talvez dezenas de minutos, na pura absorção contemplativa das qualidades de movimento de um móvel? O que é aquela rara faculdade do artista de ver o que está diante dos olhos, as cores aparentes da natureza, como elas se apresentam, sem substituí-las por nenhuma interpretação? É a capacidade de absorver ícones, poros abertos à simples e despojada possibilidade qualitativa das coisas.

No entanto, porque não representam efetivamente nada, senão formas e sentimentos (visuais, sonoros, táteis, viscerais...), os ícones têm um alto poder de sugestão. Qualquer qualidade tem, por isso, condições de ser um substituto de qualquer coisa que a ele se assemelhe. Daí que, no universo das qualidades, as semelhanças proliferem. Daí que os ícones sejam capazes de produzir em nossa mente as mais imponderáveis relações de comparação.

Quando nos detemos, por exemplo, na contemplação das oscilantes formas das nuvens, de repente nos flagramos comparando aquelas formas com imagens de animais, objetos, monstros, seres humanos ou deuses imaginários.

Ora, aquelas formas, de fato, não representam essas imagens. Podem, quando muito, sugeri-las. É por isso que o interpretante que o icone está apto a produzir é, também ele, uma mera possibilidade (qualidade de impressão) ou, no máximo, no nível do raciocínio, um rema, isto é, uma conjectura Ou hipótese. Daí que, diante de ícones, costumamos dizer: "Parece uma escada..." "Não. Parece uma cachoeira..." "Não. Parece uma montanha..." e assim por diante, sempre no nível do parecer. Aquilo que só aparece, parece.

Sem deixar aqui de lembrar o quanto as formas de criação na arte e as descobertas na ciência têm a ver com ícones, examinemos agora as modalidades de hipóicones, ou melhor, dos signos que representam seus objetos por semelhança. Assim, uma imagem é um hipóicone porque a qualidade de sua aparência é semelhante à qualidade da aparência do objeto que a imagem representa. Todas as formas de desenhos e pinturas figurativas são imagens.

Já um diagrama é hipóicone de segundo nível, visto que representa as relações entre as partes de seu objeto, utilizando-se de relações análogas em suas próprias partes. Assim, algumas páginas atrás, para representar as partes constituintes cio signo, fizemos um diagrama para evidenciar as relações que essas partes mantêm entre si.

Hipóicone de terceiro nível são as metáforas verbais.

Estas nascem da justaposição entre duas ou mais palavras, justaposição que põe em intersecção o significado convencional dessas palavras. "Olhos oceânicos", por exemplo. Quando essas duas palavras são justapostas, o significado de olhos entra em paralelo com o de oceano e vice-versa, fazendo submergir uma relação de semelhança entre ambos.

Passemos, assim, para as tríades a nível de secundidade.

Qualquer coisa que se apresente diante de você como um existente singular, material, aqui e agora, é um sin-signo. Isto porque qualquer existente concreto e real é infinitamente determinado como parte do universo a que pertence. Desse modo, uma coisa singular funciona como signo porque indica o uni- verso do qual faz parte. Daí que todo existente seja um índice, pois, como existente, apresenta uma conexão de fato com o todo do conjunto de que é parte. Tudo que existe, portanto, é índice ou pode funcionar como índice. Basta, para tal, que seja constatada a relação com o objeto de que o índice é parte e com o qual está existencialmente conectado.

Isso, em termos amplos e vastos. Concretizando, porém, em termos particulares, o índice, como seu próprio nome diz, é um signo que como tal funciona porque indica uma outra coisa com a qual ele está actualmente ligado. Há, entre ambos, uma conexão de fato. Assim, o girassol é um índice, isto é, aponta para o lugar do sol no céu, porque se movimenta, gira na direção do sol. A posição do sol no céu, por seu turno, indica a hora do dia. Aquela florzinha rosa forte, chamada "onze-horas", que só se abre às onze horas, ao se abrir, indica que são onze horas.

Rastros, pegadas, resíduos, remanências são todos índices de alguma coisa que por lá passou deixando suas marcas. Qualquer produto do fazer humano é um índice mais explícito ou menos explícito do modo como foi produzido. Uma obra arquitetônica como produto de um fazer, por exemplo, é um índice dos meios materiais, técnicos, construtivos do seu espacotempo, ou melhor, da sua história e do tipo de força produtiva empregada na sua construção.

Enfim, o índice como real, concreto, singular é sempre um ponto que irradia para múltiplas direções. Mas só funciona como signo quando uma mente interpretadora estabelece a conexão em uma dessas direções. Nessa medida, o índice é sempre dual: ligação de uma coisa com outra. O interpretante do índice, portanto, não vai além da constatação de uma relação física entre existentes. E ao nível do raciocínio, esse interpretante não irá além de um dicente, isto é, signo de existência concreta.

É claro que todo índice está habitado de ícones, de qualisignos que lhe são peculiares e que nele inerem (a Secundidade pressupõe a primeiridade). Porém, não é em razão dessas qualidades que o índice funciona como signo, mas porque nele o mais proeminente é o seu caráter físico-existencial, apontando para uma outra coisa (seu objeto) de que ele é parte.

Quanto às tríades ao nível de terceiridade, elas aparecem quando, em si mesmo, o signo é de lei (legi-signo). Sendo uma lei, em relação ao seu objeto o signo é um símbolo. Isto porque ele não representa seu objeto em virtude do caráter de sua qualidade (hipóicone), nem por manter em relação ao seu objeto uma conexão de fato (índice), mas extrai seu poder de representação porque é portador de uma lei que, por convenção ou pacto coletivo, determina que aquele signo represente seu objeto.

Note-se que, por isso mesmo, o símbolo não é uma coisa singular, mas um tipo geral. E aquilo que ele representa também não é um individual, mas um geral. Assim são as palavras. Isto é: signos de lei e gerais. A palavra mulher, por exemplo, é um geral. O objeto que ela designa não é esta mulher, aquela mulher, ou a mulher do meu vizinho, mas toda e qualquer mulher. O objeto representado pelo símbolo é tão genético quanto o próprio símbolo.

Desse modo, o objeto de uma palavra não é alguma coisa existente, mas uma idéia abstrata, lei armazenada na programação lingüística de nossos cérebros. É por força da mediação dessa lei que a palavra mulher pode representar qualquer mulher, independentemente da singularidade de cada mulher particular.

É por isso que as frases, que enunciamentos, são todas elas pontilhadas de símbolos iniciais (isto é, palavras que funcionam como índices), caso contrário, as frases não teriam qualquer poder de referência. Quando digo: "Aquela mulher, que você viu ontem na rua Augusta...", aquela, você, ontem, rua Augusta, são palavras-seta que apontam para tempos e lugares, coisas singulares, a fim de fornecer aos enunciados um poder de referência.

É evidente também que o símbolo, como lei geral, abstrata, para se manifestar precisa de réplicas, ocorrências singulares. Desse modo, cada palavra escrita ou falada é uma ocorrência através da qual a lei se manifesta. Confirmamos com Peirce: "Um símbolo não pode indicar uma coisa particular; ele denota uma espécie (um tipo de coisa). E não apenas isso. Ele mesmo é uma espécie e não uma coisa única. Você pode escrever a palavra estrela, mas isto não faz de você o criador da palavra — e mesmo que você a apague, ela não foi destruída. As palavras vivem nas mentes daqueles que as usam. Mesmo que eles estejam todos dormindo, elas vivem nas suas memórias. As palavras são tipos gerais e não individuais".

Daí que os símbolos sejam signos triádicos genuínos, pois produzirão como interpretante um outro tipo geral ou interpretante em si que, para ser interpretado, exigirá um outro signo, e assim ad infinitum. Símbolos crescem e se disseminam, mas eles trazem, embutidos em si, caracteres icônicos e indicais. O que seria de uma frase, por exemplo, sem o diagrama sintático, ordem das palavras, padrão de sua estrutura, isto é, justamente seu caráter icônico que nos leva a compreendê-la? O que seria de uma frase, sem índices de referências? Esses caracteres, contudo, estão embutidos no símbolo, pois o que lhe dá o poder de funcionar como signo é o fato proeminente de que ele é portador de uma lei de representação.

Concluindo: se o ícone tende a romper a continuidade do processo abstrativo, porque mantém o interpretante a nível de primeiridade, isto é, na ebulição das conjecturas e na constelação das hipóteses (fonte de todas as descobertas); se o índice faz parar o processo interpretativo no nível energético de uma ação como resposta ou de um pensamento puramente constataativo; o símbolo, por sua vez, faz deslanchar a remessa de signo a signo, remessa esta que só não é para nós infinita, porque nosso pensamento, de uma forma ou de outra, em maior ou menor grau, está inexoravelmente preso aos limites da abóbada ideológica, ou seja, das representações de mundo que nossa historicidade nos impõe.

Enfim

Ai estão explanadas as três grandes tríades dos signos.

Como se pode ver, trata-se de uma divisão lógica a mais genérica, espécie de mapeamento panorâmico das grandes matizes signicas e das fronteiras que as definem. A partir disso, por combinação lógica entre essas matrizes, Peirce estabeleceu 10 classes principais de signos que dizem respeito às misturas entre signos que são logicamente possíveis.

Como matrizes abstratas, as três tríades definem campos gerais e elementares que raramente serão encontrados em estado puro nas linguagens concretas que estão aí e aqui, conosco e em uso. Na produção e utilização prática dos signos, estes se apresenta/n amalgamados, misturados, interconectados.

Por exemplo: todas as linguagens da imagem, produzidos através de máquinas (fotografia, cinema, televisão...), são signos híbridos: trata-se de hipóicones (índices) e de índices. Não é necessário explicar por que são imagens, pois isso é evidente. São, contudo, também índices porque essas máquinas são capazes de registrar o objeto do signo por conexão física. A respeito da fotografia, Peirce esclarece: "O fato de sabermos que a fotografia é o efeito de radiações partidas do objeto, torna-a um índice e altamente informativo". Embora o processo de captação da imagem televisiva seja diferente da fotografia, o caráter inicial de conexão física, existencial e factual nele se mantém.

(Parte 5 de 7)

« [anterior](#) 1 2 3 4 5 6 7 [próxima](#) »

9 Comentários

9 comentários

Classificar por [Mais antigos](#) ▾

- Adicione um comentário...
- **Jaqueline Perguer**
MUITO BOM
[Curtir](#) · [Responder](#) · 6 a
- **Iranilson Delolindo**
Muito legal, me ajudou bastante.
[Curtir](#) · [Responder](#) · 6 a
- **Patricia Pacheco**
Ótimo achado, estava precisando dessa leitura!
[Curtir](#) · [Responder](#) · 2 · 6 a
- **Arlison Ribeiro Vasconcelos**
Este PDF, foi de muita serventia tenho que fazer um fichamento do mesmo!
[Curtir](#) · [Responder](#) · 5 a
- **Mariene Ramos**
muito bom, obrigada pela ajuda.
[Curtir](#) · [Responder](#) · 5 a
- **Rosane Rodrigues Fernandes**
estou estudando essa matéria mas não entendi muito bm..
[Curtir](#) · [Responder](#) · 5 a
- **Cleo Ella**
Muito interessante!
[Curtir](#) · [Responder](#) · 2 a
- **Diego Oliveira**
Obrigado pela postagem.
[Curtir](#) · [Responder](#) · 1 a
- **Diego Edmilson**
otimo assunto sobre a origem da linguagem
[Curtir](#) · [Responder](#) · 1 a

 Plug-in de comentários do Facebook

DESCRIÇÃO

Conceitos, definições e exemplos sobre linguagem e semiótica.

TAGS

[lúcia](#) ▾ [o que é](#) ▾ [santaella](#) ▾
[semiótica](#) ▾

ESTATÍSTICAS

41022 visitas
666 downloads
9 comentários

ARQUIVOS SEMELHANTES

[O que é semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)

LIVROS RELACIONADOS

[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)
[Semiótica](#)